

## *DOSSIÊ JOÃO GUIMARÃES ROSA*



### *Dados Pessoais:*

**Nome:** João Guimarães Rosa.

**Filiação:** Florduardo Pinto Rosa (seu Fulô).

Francisca Guimarães Rosa (Chiquitinha).

**Nascimento:** 27/06/1908.

**Naturalidade:** Cordisburgo - MG.

**Morte:** 19/11/1967.

### *Obras:*

**1936:** Magma, poemas. Não chegou a publicá-los.

**1946:** Sagarana, contos e novelas regionalistas. Livro de estréia.

**1947:** Com o vaqueiro Mariano.

**1956:** Corpo de Baile, novelas. (Atualmente publicado em três partes: Manuelzão e Miguilim; No Urubuquaquá, no Pinhém e Noites do sertão).

**1956:** Grande Sertão: Veredas, romance.

**1962:** Primeiras estórias, contos.

**1967:** Tutaméia: Terceiras estórias, contos.

**1969:** Estas estórias, contos. *Obra póstuma.*

**1970:** Ave, palavra, diversos. *Obra póstuma.*

### *Jornais e Revistas:*

**1953/1954:** Colaboração no suplemento "Letras e Artes" do Jornal A Manhã.

**1961:** Colaboração no Jornal O Globo.

**1965/1966:** Colaboração na revista Pulso, divulgando contos e poemas.

### *Bibliografias sobre o Autor:*

Bosi, Alfredo (org.). O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1994.

Faraco, C.E. & Moura, F.M. Língua e literatura.. São Paulo: Ática, 1996. v.3.

Holzmayr, Rosenfield Kathrin. Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Ática, 1996. (Roteiro de Leitura).

Macedo, Tânia. Guimarães Rosa. São Paulo: Ática, 1996. (Ponto por Ponto).

Perez, Renard. Em Memória de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

Rosa, Vilma Guimarães. Relembraimentos, Guimarães Rosa, meu pai. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Santo, Wendel. A construção do romance em Guimarães Rosa. São Paulo: Ática, 1996.

Sperber, Suzi Frankl. Guimarães Rosa: signo e sentimento. São Paulo: Ática, 1996. (Ensaio).

Zilberman, R. A Leitura e o ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 1989.

### *Acervo:*

Os arquivos do autor, abrangendo o período de 1908 a 1971, com aproximadamente 12.000 documentos, foram adquiridos pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP).

### *Museu Guimarães Rosa:*

Av. Padre João, 744 - Cordisburgo - MG - Brasil.  
Contato:(31) 3715-1378.  
Agenda de visitas: 3ª a dom, das 8h40min às 17h.

### *Adaptações:*

**1969:** Publicação do livro "A João Guimarães Rosa" - (Gráficos Brunner), ensaio fotográfico de Maureen Bisilliat, com trechos de "Grande Sertão: Veredas". Curta de 09 minutos - Filmoteca da ECA/USP, direção de Roberto Santos - São Paulo (SP).

**1975:** Adaptação dos contos "Corpo Fechado" (do livro "Sagarana"), direção de Lima Duarte, e "Sorôco, Sua Mãe, Sua Filha" (do livro "Primeiras Estórias"), direção de Kiko Jaess, para o programa Teatro 2, da TV Cultura - São Paulo (SP).

**1975:** Adaptação do conto "Sarapalha" (do livro "Sagarana"), direção de Roberto Santos, para Caso Especial, da Rede Globo - Rio de Janeiro (RJ).

**1984:** Adaptação de "Noites do Sertão", direção de Carlos Alberto Prates Corrêa - Rio de Janeiro (RJ).

**1985:** Adaptação de "Grande Sertão: Veredas" para minissérie da Rede Globo, direção de Walter Avancini - Rio de Janeiro (RJ).

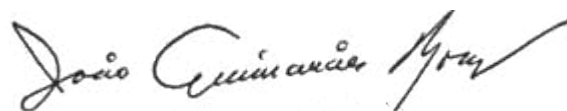
**1994:** Rio de Janeiro RJ - Adaptação para o teatro de "Grande Sertão: Veredas", direção de Regina Bertola, no Centro Cultural Banco do Brasil.

**1994:** Filme "A Terceira Margem do Rio", direção e roteiro de Nelson Pereira dos Santos, baseado em cinco contos do livro "Primeiras Estórias": "A Terceira Margem do Rio", "A Menina de Lá", "Os Irmãos Dagobé", "Seqüência" e "Fatalidade" - Rio de Janeiro (RJ).



### *Um pouco da vida de Guimarães Rosa...*

*"Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como o sofrimento dos homens."*



**27 de junho de 1908**, nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, João Guimarães Rosa, o primogênito de Dona Francisca Guimarães Rosa (Chiquitinha). Seu pai, Florduardo Pinto Rosa (seu Fulô) era comerciante, juiz-de-paz, caçador de onças e contador de estórias. Antes de completar 7 anos, "Joãozinho", como era chamado, começou a estudar francês por conta própria. Com a chegada do Frei Canísio Zoetmulder, frade franciscano holandês, em março de 1917, pode iniciar-se no holandês e prosseguir os estudos de francês, agora sob a supervisão daquele frade.

Cursou o primário no Grupo Escolar Afonso Pena, em Belo Horizonte, para onde se mudou, antes dos 9 anos, para morar com os avós. Em Cordisburgo. Iniciou o curso secundário no Colégio Santo Antônio, em São João Del Rei, onde, em regime de internato,

permaneceu pouco tempo por não conseguir adaptar-se, sabe-se que ele não suportava a comida do internato.

De volta a Belo Horizonte matriculou-se no Colégio Arnaldo, então dirigido por padres alemães, e, imediatamente, iniciou o estudo do alemão, que aprendeu em pouco tempo. Era um poliglota, conforme um dia disse a uma prima, estudante, que fora entrevistá-lo:

*"Falo: português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio: sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânio, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal. E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional. Principalmente, porém, estudando-se por divertimento, gosto e distração."*

**Em 1925**, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, atualmente Faculdade de Medicina da UFMG, com apenas 16 anos. Na ocasião, conforme relato do colega de turma, Dr. Ismael de Faria, Rosa disse a famosa frase: "*As pessoas não morrem, ficam encantadas*", no velório de um estudante vitimado pela febre amarela, em 1926. Frase essa, que seria repetida 41 anos depois ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras.

**Em 1929**, Guimarães Rosa, ainda estudante, fez sua estréia como escritor. Escreveu quatro contos: *Caçador de camurças*, *Chronos Kai Anagke* (título grego, significando *Tempo e Destino*), *O mistério de Highmore Hall* e *Makiné* para um concurso promovido pela revista *O Cruzeiro*. Todos os contos foram premiados e publicados com ilustrações em 1929-1930, alcançando o autor seu objetivo, que era o de ganhar a recompensa nada desprezível de cem contos de réis. Chegou a confessar, depois, que nessa época escrevia friamente, sem paixão, preso a modelos alheios.

**Em 27 de junho de 1930**, ao completar 22 anos, casou-se com Lígia Cabral Penna, então com apenas 16 anos, com quem teve duas filhas: Vilma e Agnes. Seu primeiro casamento, desfez-se alguns anos depois. Ainda em 1930, Guimarães Rosa formou-se em Medicina; foi o orador da turma<sup>1</sup>, escolhido por aclamação pelos 35 colegas.

Iniciou o exercício da profissão em Itaguara, pequena cidade que pertencia ao município de Itaúna (MG), onde permaneceu cerca de dois anos.

Diante de sua incapacidade de por fim às dores e aos males do mundo numa cidade que não tinha nem energia elétrica, segundo depoimento de sua filha Vilma, o autor, sensível como era, decidiu afastar-se da Medicina. Contribuiu também para isso o fato de o escritor ter que assistir o parto de sua mulher, pois o farmacêutico e o médico da cidade vizinha de Itaúna só terem chegado quando Vilma já havia nascido.

**Em 1932**, durante a Revolução Constitucionalista, trabalhou como voluntário na Força Pública. Posteriormente, após concurso, efetivou-se militar.

**Em 1933**, Rosa serviu no município de Barbacena, como Oficial Médico do 9º Batalhão de Infantaria. Segundo depoimento de Mário Palmério, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, o quartel pouco exigia de Guimarães Rosa – *"quase que somente a revista médica rotineira, sem mais as dificultosas viagens a cavalo que eram o pão nosso da clínica em Itaguara, e solenidade ou outra, em dia cívico, quando o escolhiam para orador da corporação"*.

Assim, sobrou tempo para dedicar-se com maior afinco ao estudo de idiomas estrangeiros; ademais, no convívio com velhos milicianos e nas demoradas pesquisas que fazia nos arquivos do quartel, o escritor teria obtido valiosas informações sobre o

---

<sup>1</sup> Veja trechos do discurso de formatura de Guimarães Rosa na página 16.

jaguncismo barranqueiro que até por volta de 1930 existiu na região do Rio São Francisco.

Um amigo do escritor, impressionado com sua cultura e erudição, e, particularmente, com seu notável conhecimento de línguas estrangeiras, lembrou-lhe a possibilidade de prestar concurso para o Itamarati, conseguindo entusiasamá-lo. O então Oficial Médico do 9º Batalhão de Infantaria, após alguns preparativos, seguiu para o Rio de Janeiro onde prestou concurso para o Ministério do Exterior, obtendo o segundo lugar. Por essa ocasião, aliás, já era por demais evidente sua falta de "vocação" para o exercício da Medicina, conforme ele próprio confidenciou a seu colega Dr. Pedro Moreira Barbosa, em carta datada de 20 de março de 1934:

*"Não nasci para isso, penso. Não é esta, digo como dizia Don Juan, sempre 'apr s avoir couch  avec...' Primeiramente, repugna-me qualquer trabalho material só posso agir satisfeito no terreno das teorias, dos textos, do raciocínio puro, dos subjetivismos. Sou um jogador de xadrez nunca pude, por exemplo, com o bilhar ou com o futebol."*

Antes que os anos 30 terminem, ele participou de outros dois concursos literários. Em 1936, a coletânea de poemas *Magma* recebe o pr mio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Um ano depois, sob o pseud nimo de "*Viator*", concorreu ao pr mio HUMBERTO DE CAMPOS, com o volume intitulado *Contos*, que em 46, após uma revisão do autor, se transformaria em *Sagarana*, obra que lhe rendeu vários pr mios e o reconhecimento como um dos mais importantes livros surgidos no Brasil contemporâneo. Os contos de *Sagarana* apresentam a paisagem mineira em toda a sua beleza selvagem, a vida das fazendas, dos vaqueiros e criadores de gado, mundo que Rosa habitara em sua infância e adolescência. Neste livro, o autor transpôs a linguagem rica e pitoresca do povo, registrou regionalismos, muitos deles jamais escritos na literatura brasileira.

**Em 1938**, Guimarães Rosa foi nomeado Cônsul Adjunto em Hamburgo, e seguiu para a Europa; lá conheceu Aracy Moebius de Carvalho (Ara), que se tornaria sua segunda mulher. Durante a guerra, por várias vezes escapou da morte; ao voltar para casa, uma noite, só encontrou escombros. A superstição e o misticismo acompanhariam o escritor por toda a vida. Ele acreditava na força da lua, respeitava curandeiros, feiticeiros, a umbanda, a quimbanda e o kardecismo. Embora consciente dos perigos que enfrentava, protegeu e facilitou a fuga de judeus perseguidos pelo Nazismo; nessa empresa, contou com a ajuda da mulher, D. Aracy. Em reconhecimento a essa atitude, o diplomata e sua mulher foram homenageados em Israel, em abril de 1985, com a mais alta distinção que os judeus prestam a estrangeiros: o nome do casal foi dado a um bosque que fica ao longo das encostas que dão acesso a Jerusalém. Foi a forma encontrada pelo governo israelense para expressar sua gratidão àqueles que se arriscaram para salvar judeus perseguidos pelo Nazismo por ocasião da 2ª Guerra Mundial.

Segundo D. Aracy, que compareceu a Israel por ocasião da homenagem, seu marido sempre se absteve de comentar o assunto já que tinha muito pudor de falar de si mesmo. Apenas dizia: *"Se eu não lhes der o visto, vão acabar morrendo; e aí vou ter um peso em minha consciência."*



**Guimarães Rosa e sua segunda esposa, Aracy.**

**Em 1942**, quando o Brasil rompeu com a Alemanha, Guimarães Rosa foi internado em Baden-Baden, juntamente com outros compatriotas, entre os quais se encontrava o pintor pernambucano Cícero Dias, Ficam retidos durante 4 meses e foram libertados em troca de diplomatas alemães. Retornando ao Brasil, após rápida passagem pelo Rio de Janeiro, o escritor seguiu para Bogotá, como Secretário da Embaixada, e permaneceu por lá até 1944. Sua estada na capital colombiana, inspirou-lhe o conto *Páramo*, de cunho autobiográfico, que faz parte do livro póstumo *Estas Estórias*. O conto se refere à experiência de "morte parcial" vivida pelo protagonista (provavelmente o próprio autor), experiência essa induzida pela solidão, pela saudade dos seus, pelo frio, pela umidade e particularmente pela asfixia resultante da rarefação do ar (*soroche* – o mal das alturas).

**Em dezembro de 1945** o escritor retornou ao Brasil depois de longa ausência. Dirigiu-se, inicialmente, à Fazenda Três Barras, em Paraopeba, berço da família Guimarães, então pertencente a seu amigo Dr. Pedro Barbosa e, depois, a cavalo, rumou para Cordisburgo, onde se hospedou no tradicional Argentina Hotel, mais conhecido por Hotel da Nhatina.

**Em 1946**, Guimarães Rosa foi nomeado chefe-de-gabinete do ministro João Neves da Fontoura e viajou à Paris como membro da delegação à Conferência de Paz.

**Em 1948**, o escritor foi novamente para Bogotá como Secretário-Geral da delegação brasileira à IX Conferência Inter-Americana; durante a realização do evento ocorre o assassinato político do prestigioso líder popular Jorge Eliécer Gaitán, fundador do partido Unión Nacional Izquierdista Revolucionaria, de curta mas decisiva duração.

**Em 1951**, Guimarães Rosa retornou ao Brasil. No ano seguinte, faz uma excursão ao Mato Grosso que resultou em uma reportagem

poética: *Com o vaqueiro Mariano*. Segundo depoimento do próprio Manuel Narde, vulgo Manuelzão, falecido em 5 de maio de 1997, protagonista da novela *Uma estória de amor*, incluída no volume *Manuelzão e Miguilim*, durante os dias que passou no sertão, Guimarães Rosa pedia notícia de tudo e tudo anotava "ele perguntava mais que padre" –, tendo consumido "mais de 50 cadernos de espiral, daqueles grandes", com anotações sobre a flora, a fauna e a gente sertaneja usos, costumes, crenças, linguagem, superstições, versos, anedotas, canções, casos, estórias...

**Em 1956**, no mês de janeiro, reapareceu no mercado editorial com as novelas *Corpo de Baile*, onde continua a experiência iniciada em *Sagarana*. A partir de *Corpo de Baile*, a obra de Rosa - autor reconhecido como o criador de uma das vertentes da moderna linha de ficção do regionalismo brasileiro - adquiriu dimensões universalistas, cuja cristalização artística é atingida em *Grande Sertão: Veredas*, lançado em maio de 56. O terceiro livro de Guimarães Rosa, uma narrativa épica que se estende por 600 páginas, focaliza numa nova dimensão, o ambiente e a gente rude do sertão mineiro. *Grande Sertão: Veredas* reflete um autor de extraordinária capacidade de transmissão do seu mundo, e foi resultado de um período de dois anos de gestação e parto. A história do amor proibido de *Riobaldo*, o narrador, por *Diadorim* é o centro da narrativa. Para Renard Perez, autor de um ensaio sobre **Guimarães Rosa**, em *Grande Sertão: Veredas*, além da técnica e da linguagem surpreendentes, deve-se destacar o poder de criação do romancista, e sua aguda análise dos conflitos psicológicos presentes na história.

O lançamento de *Grande Sertão: Veredas* causa grande impacto no cenário literário brasileiro. O livro é traduzido para diversas línguas e seu sucesso deve-se, sobretudo, às inovações formais. Crítica e público dividem-se entre louvores apaixonados e ataques ferozes. Torna-se um sucesso comercial, além de receber

três prêmios nacionais: o Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro; o Carmen Dolores Barbosa, de São Paulo; e o Paula Brito, do Rio de Janeiro. A publicação faz com que Guimarães Rosa fôsse considerado uma figura singular no panorama da literatura moderna, tornando-se um "caso" nacional. Ele encabeça a lista tríplice, composta ainda por Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto, como os melhores romancistas da terceira geração modernista brasileira.

**Em 1958**, no começo de junho, **Guimarães Rosa** viajou para Brasília, e escreveu para os pais:

*"Em começo de junho estive em Brasília, pela segunda vez lá passei uns dias. O clima da nova capital é simplesmente delicioso, tanto no inverno quanto no verão. E os trabalhos de construção se adiantam num ritmo e entusiasmo inacreditáveis: parece coisa de russos ou de norte-americanos"... "Mas eu acordava cada manhã para assistir ao nascer do sol e ver um enorme tucano colorido, bellissimo, que vinha, pelo relógio, às 6 hs 15', comer frutinhas, na copa da alta árvore pegada à casa, uma tucaneira', como por lá dizem. As chegadas e saídas desse tucano foram uma das cenas mais bonitas e inesquecíveis de minha vida."*

A partir de 1958, o autor começa a apresentar problemas de saúde e estes seriam, na verdade, o prenúncio do fim próximo, tanto mais quanto, além da hipertensão arterial, o paciente reunia outros fatores de risco cardiovascular como excesso de peso, vida sedentária e, particularmente, o tabagismo. Era um tabagista contumaz e embora afirme ter abandonado o hábito, em carta dirigida ao amigo Paulo Dantas em dezembro de 1957, na foto tirada em 1966, quando recebia do governador Israel Pinheiro a Medalha da Inconfidência, aparece com um cigarro na mão esquerda. A propósito, na referida carta, o escritor chega mesmo a admitir, explicitamente, sua dependência da nicotina:

*"... também estive mesmo doente, com apertos de alergia nas vias respiratórias; daí, tive de deixar de fumar (coisa tenebrosa!) e, até hoje (cabo de 34 dias!), a falta de fumar me bota vazio, vago, incapaz de escrever cartas, só no inerte letargo árido dessas fases de desintoxicação. Oh coisa feroz. Enfim, hoje, por causa do Natal chegando e de mais mil-e-*

*tantos motivos, aqui estou eu, heróico e pujante, desafiando a fome-e-sede tabágica das pobrezinhas das células cerebrais. Não repare."*

É importante frisar também que, coincidindo com os distúrbios cardiovasculares que se evidenciaram a partir de 1958, Guimarães Rosa parece ter acrescentado a suas leituras espirituais publicações e textos relativos à Ciência Cristã (*Christian Science*), seita criada nos Estados Unidos em 1879 por Mrs. Mary Baker Eddy e que afirmava a primazia do espírito sobre a matéria – "... *the nothingness of matter and the allness of spirit*", negando categoricamente a existência do pecado, dos sentimentos negativos em geral, da doença e da morte.

Ainda que não publicasse nada até 1962, o interesse e o respeito pela obra rosiana só aumentavam, em relação à crítica e ao público. Unanimidade, o escritor recebeu, em 1961, o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. Ele começou a obter reconhecimento no exterior.

**Em janeiro de 1962**, assumiu a chefia do Serviço de Demarcação de Fronteiras, cargo que exerceria com especial empenho, tendo tomado parte ativa em momentosos casos como os do Pico da Neblina (1965) e das Sete Quedas (1966).

**Em 1969**, em homenagem ao seu desempenho como diplomata, seu nome é dado ao pico culminante (2.150 m) da Cordilheira Curupira, situado na fronteira Brasil/Venezuela. O nome de Guimarães Rosa foi sugerido pelo Chanceler Mário Gibson Barbosa, como um reconhecimento do Itamarati àquele que, durante vários anos, foi o chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras da Chancelaria Brasileira.

Em 1962, é lançado *Primeiras Estórias*, livro que reúne 21 contos pequenos. Nos textos, as pesquisas formais características do autor, uma extrema delicadeza e o que a crítica considera "atordoante poesia".

**Em maio de 1963**, Guimarães Rosa candidatou-se pela segunda vez à Academia Brasileira de Letras (a primeira fora em 1957, quando obtivera apenas 10 votos), na vaga deixada por João Neves da Fontoura. A eleição dá-se a 8 de agosto e desta vez é eleito por unanimidade. Mas não é marcada a data da posse, adiada *sine die*, somente acontecendo quatro anos depois, no dia 16 de novembro de 1967.

**Em janeiro de 1965**, participa do Congresso de Escritores Latino-Americanos, em Gênova. Como resultado do congresso ficou constituída a Primeira Sociedade de Escritores Latino-Americanos, da qual o próprio Guimarães Rosa e o guatemalteco Miguel Angel Asturias (que em 1967 receberia o Prêmio Nobel de Literatura) foram eleitos vice-presidentes.

**Em abril de 1967**, Guimarães Rosa vai ao México na qualidade de representante do Brasil no I Congresso Latino-Americano de Escritores, no qual atua como vice-presidente. Na volta é convidado a fazer parte, juntamente com Jorge Amado e Antônio Olinto, do júri do II Concurso Nacional de Romance Walmap que, pelo valor material do prêmio, é o mais importante do país.

No meio do ano, publica seu último livro, também uma coletânea de contos, *Tutaméia*. Nova efervescência no meio literário, novo êxito de público. *Tutaméia*, obra aparentemente hermética, divide a crítica. Uns vêem o livro como "*a bomba atômica da literatura brasileira*"; outros consideram que em suas páginas encontra-se a "*chave estilística da obra de **Guimarães Rosa**, um resumo didático de sua criação*".

Três dias antes da morte o autor decidiu, depois de quatro anos de adiamento, assumir a cadeira na Academia Brasileira de Letras. Os quatro anos de adiamento eram reflexo do medo que sentia da emoção que o momento lhe causaria. Ainda que risse do

pressentimento, afirmou no discurso de posse: “... *a gente morre é para provar que viveu.*”

O escritor faz seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras com a voz embargada. Parece pressentir que algo de mal lhe aconteceria. Com efeito, três dias após a posse, em 19 de novembro de 1967, ele morreria subitamente em seu apartamento em Copacabana, sozinho (a esposa fora à missa), mal tendo tempo de chamar por socorro.

**Em 1967**, João Guimarães Rosa seria indicado para o prêmio Nobel de Literatura. A indicação, iniciativa dos seus editores alemães, franceses e italianos, foi barrada pela morte do escritor. A obra do brasileiro havia alcançado esferas talvez até hoje desconhecidas.

Ao ouvir a gravação do discurso de Guimarães Rosa nota-se, claramente, ao final do mesmo, sua voz embargada pela emoção – era como se chorasse por dentro. É possível que o novo acadêmico tivesse plena consciência de que chegara sua HORA e sua VEZ.

**Em 19 de novembro de 1967**, três dias após a posse, Rosa morreu subitamente em seu apartamento em Copacabana, sozinho. (Sua esposa estava na missa), mal tendo tempo de chamar por socorro. Na segunda-feira, dia 20, o Jornal da Tarde, de São Paulo, estamparia em sua primeira página uma enorme manchete com os dizeres: "MORRE O MAIOR ESCRITOR".

Quando morreu tinha 59 anos. Tinha-se dedicado à medicina, à diplomacia, e, fundamentalmente às suas crenças, descritas em sua obra literária. Fenômeno da literatura brasileira, Rosa começou a escrever aos 38 anos. O autor, com seus experimentos lingüísticos, sua técnica, seu mundo ficcional, renovou o romance brasileiro, concedendo-lhe caminhos até então inéditos. Sua obra se impôs não apenas no Brasil, mas alcançou o mundo.

## **ARTIGOS, NOTÍCIAS, CURIOSIDADES...**

### ***Fragmentos do discurso de formatura de Guimarães Rosa***

O discurso do orador da turma, publicado no jornal Minas Gerais, de 22 e 23 de dezembro de 1930, já denunciava, entre outras coisas, o grande interesse lingüístico e a cultura literária clássica de Guimarães Rosa, que começa sua oração argumentando com uma "licção da natureza":

*Quando o excesso de seiva levanta a planta jovem a escalar o espaço, só á custa de troncos alheios logra ella chegar á altura – faltando-lhe as raizes, que sómente os annos soem improvisar, restar-lhe-á apenas o epiphytismo das orchideas. Tal a licção da natureza que faz com que a nossa turma não vos traga pela minha bocca a discussão de um thema scientifico, nem ponha nesta despedida these alguma de medicina applicada, que oscillaria, aliás, inevitavelmente, entre a parolagem incolor dos semidoutos e o plagio ingenuo dos compiladores.*

Em seguida, evoca a origem medieval das solenidades universitárias:

*Venho tão unicamente pedir a palavra de senha ao nosso Paranympfo, nesta hora plena de emoção para nós outros, quando o incenso das bellas cousas velhas, desabrochando em nossa alma a flor do tradicionalismo, nos evoca Iena, a douta, e Salamanca, a inesquecível, emquanto o anel symbolico faz-nos sonhar com uma leva de Cavalleiros da Ordem da Esmeralda, que recebessem a investidura ante magica frontaria gothica, fenestrada de ogivas e ventanas e toda colorida de vitraes.*

Dando continuidade ao discurso refere-se ao interesse do Prof. Samuel Libânio pelos problemas da gente brasileira:

*E a sua sabia eloquencia discursará então, **utile dulci**, sobre assumptos da maior importancia e mais patente oportunidade, tanto mais que elle, o verdadeiro proágoro de hoje, que levou o seu microscopio de higienista a quasi todos os estados do Brasil, conhece, melhor que ninguem, as necessidades da nossa gente infectada e as condições do nosso meio infectante.*

Mais adiante, continua:

*Ninguém entre nós, para bem de todos, representa os exemplares do medico comercializado, taylorizado, standardizado, aperfeiçoadissima machina mercantil de diagnosticos, **'un industriel, un exploiteur de la vie et de la mort'**, no dizer de Alfred Fouillé, para quem nada significam as dôres alheias, tal qual Chill, o abutre kiplinguiano, satisfeito no jangal faminto, por certo de que depressa todos lhe virão a servir de pasto.*

*Esses justificam a velha frase de Montaigne, **'Science sans conscience est la ruine de l'âme'**, hoje aposentada no arquivo dos logares comuns, mas que de verdadeira se faria sublime, si se lhe intercallasse: **'...et sans amour...'***

*Porque, dêm-lhe os nomes mais diversos, philantropia tolstoica, altruismo contista, humanitarismo de Kolcsey Ferencz, solidariedade classica ou beneficencia moderna, bondade natural ou caridade theologal, (quanto a nós preferimos chamar-lhe mais simplesmente espirito christão), esse é o sentimento que deverá presidir os nossos actos e orientar as agitações do que seremos amanhã, na vitalidade maxima da expressão, homens no meio dos homens.*

*Demo-nos por satisfeitos com o facultar-nos a profissão escolhida as melhores oportunidades de praticar a lei fundamental do Christianismo e, já que o mesmo Christo, sabedor das profundezas do egoismo humano, estigmatizou-o no **'... como a ti mesmo'** do mandamento, ampliemos fóra de medida esse eu comparativo, fazendo com que elle integre em si toda a fraternidade soffredora do universo.*

*Tambem, a bondade diligente, a **'charité efficace'**, de Mamoz, será sempre a melhor collaboradora dos clinicos avisados.*

*De distincto patricio contam que, achando-se moribundo, gostava que os companheiros o abanassem. E a um deles, que se offerecera trazer-lhe modernissimo ventilador electrico, capaz de renovar-lhe continuamente o ar do aposento, respondeu, admiravel no esoterismo profissional e sublime na intuição de curador: **' - Obrigado; o que me allivia e conforta, não é o melhor arejamento do quarto, mas sim a sollicita solidariedade dos meus amigos...'***

*Não será a capacidade de esquecer-se um pouquinho de si mesmo em beneficio de outrem (digo um pouquinho porque exigir mais seria platonizar esterilmente) que aureola certas personalidades, creando o iatra verdadeiro, o medico de confiança, o medico da familia?*

Mais adiante refere-se às pesadas críticas de que sempre foram alvo os médicos, destacando entre os que tentaram denegrir a classe a figura do genial dramaturgo Molière e fazendo menção a sua peça *L'Amour Médecin*, mas contrapõe a essas críticas uma série de gestos meritórios e de real grandeza praticados por médicos abnegados, a ponto de elas lhe parecerem cada vez mais injustificadas:

*Ao lado dos sacerdotes e dos estrangeiros, os medicos sempre alcançaram o **record** indesejavel de principaes personagens do anecdotario mundial.*

*Satiras, comedias e bufonices não os pouparam.*

*Era fatal. As aneddotas representam a maneira mais commoda das massas apedrejarem, no escuro do anonymato, os tabus que as constroem com sua real ou pretensa superioridade.*

*E Molière, hostilizando durante toda a vida medicos e medicina com tremenda guerra de epigramas, não passou de um **speaker** genial e corajoso da **vox populi** do seu tempo.*

*Contudo, a nossa classe já não ocupa lugar tão destacado no florilegio da truaneria.*

*A causa? Parece-me simples.*

*É que as chufas dos Nicoeles não fazem ninguem mais se rir daquelles que se infectaram mortalmente aspirando as mucosidades de creancinhas diphtericas; é que a mordacidade dos Brillons não attinge agora a pleiade dos metralhados nos hospitaes de sangue, quando soccorriam amigos e inimigos; é porque, aos quatro ridiculos medicastros do '**Amour Médecin**', com longas vestes doutoraes, attitudes hieraticas e palavreado abracadabrante, a nossa imaginação contrapõe involuntariamente os vultos dos sabios abnegados, que experimentaram nos proprios corpos, '**in anima nobilissima**', os efeitos dos virus que não perdoam; é porque a cerimonia de Argan recebendo o titulo ao som do '**dignus est intrare**' perde toda a sua hilaridade quando confrontada com a scena real de Pinel, do '**citoyen Pinel**', arrostando a desconfiança e a ferocidade do Comité de Salvação Pública, para dar aos loucos de Bicêtre o direito de serem tratados como seres humanos!*

Guimarães Rosa prossegue em sua linguagem peculiar e, já na parte final do discurso, refere-se à "Oração" do "illuminado Moysés Maimonides":

*Senhor, enche a minha alma de amor pela arte e por todas as criaturas. Sustenta a força do meu coração, para que esteja sempre pronto a servir ao pobre e ao rico, ao amigo e ao inimigo, ao bondoso e ao malvado. E faz com que eu não veja senão o humano, naquela que sofre!...*

E terminando:

*Quero apenas repetir convosco, nesta última revista de aquem-Rubicão, um velho provérbio slovacó, em que clarinam sustentidos marciaes de encorajamento, mostrando a confiança do auxílio divino e nas forças da natureza:*

**'Kdyz je nouze nejvissi, pomoc byva nejblissi!'** (Quando mais terrível é o desespero, é que o socorro já vem perto!).

*E, quanto a vós, caro Padrinho, ao apresentar-vos os agradecimentos e as despedidas dos meus colegas, eu lamento não poderem falar-vos todos elles a um tempo, para que sentissem, na prata das suas vozes, o oiro de seus corações.*

## ***O mundo do sertão para o mundo***

Autora: Eliziane Lara



O ano de 1956 marcou a literatura brasileira. Em menos de seis meses eram publicadas Grande Sertão: Veredas e Corpo de Baile, as obras-primas de um dos nossos maiores escritores: João Guimarães Rosa. Já conhecido no Brasil devido à publicação de Sagarana, dez anos antes, Rosa se vê consagrado no exterior contando histórias protagonizadas por gente bem brasileira: os sertanejos.

Em Grande Sertão: Veredas, o protagonista Riobaldo conta tudo o que viveu e sentiu, especialmente durante uma peregrinação que faz pelos sertões de Minas, Bahia e Goiás. O ponto central da história é o amor proibido que o jagunço sente por Diadorim, personagem pela qual se apaixona ao longo da jornada. Corpo de Baile reúne um extenso conjunto de novelas, que, atualmente é publicado em três

partes: Manuelzão e Miguilim, No Urubuquaquá, no Pinhém e Noites do sertão.

Como um autor que parte de elementos típicos do regionalismo brasileiro consegue atingir e ser consagrado por leitores do mundo inteiro? Uma das chaves para responder a essa pergunta está no fato de que os dramas vividos pelas personagens rosianas são comuns a qualquer ser humano. A trajetória de vida do autor e a sua paixão por outros idiomas também ajudam a entender melhor a composição de sua obra.

Mineiro da cidade de Cordisburgo, na região central de Minas Gerais, Rosa era introvertido e estudioso. Aos sete anos de idade conhecia três idiomas: português, francês e latim. Quieto, ouvia as histórias contadas pelos sertanejos que passavam pela venda do pai.

Os "causos" lhe despertaram para o sertão e o saber sobre outras línguas foi fundamental na criação de sua escrita, marcada pela poesia e musicalidade.

Além das histórias, o autor também inventava palavras. Numa entrevista concedida ao crítico Günter Lorenz, em 1965, Rosa conta: "a língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente". A professora da Faculdade de Letras da UFMG, Marli Fantini, explica que além dos neologismos, o estilo rosiano também é marcado pela utilização da estrutura de outros idiomas na construção do texto. A forma como o autor organiza as frases, por exemplo, tem semelhanças com o inglês, o grego e o alemão.

Rosa também faz com que seus sertanejos se identifiquem com personagens de obras da literatura universal. Marli Fantini conta que Maria Mutema, personagem de Grande Sertão, assassina o marido jogando chumbo quente em seu ouvido, como ocorre no Hamlet do escritor inglês William Shakespeare.

O diálogo com personagens tão distantes não impede que Rosa dê vez e voz ao povo do sertão. A prova está em Uma história de amor, novela que compõe Corpo de Baile. (Ver Box) A coleção de facas, a capa de cavu e o vistoso chapéu não deixam dúvidas: na novela o autor fala sobre Manuel Nardi, o Manuelzão, um dos chefes da comitiva acompanhada por Rosa em 1952.

Vivendo no exterior como diplomata, o escritor volta ao Brasil com o desejo de conhecer de perto o sertão. Ele acompanha uma condução de boiada, por dez dias, partindo de Três Marias rumo à Araçáí. O que viu e ouviu, Rosa anotou em suas famosas cadernetas. "Essa viagem contribuiu para a sistematização de Grande Sertão: Veredas", explica Marli Fantini.

Em uma carta enviada ao embaixador brasileiro e amigo, Antônio Azeredo da Silveira, Guimarães Rosa fala sobre a redação do livro: "Eu passei dois anos num túnel, um subterrâneo, só escrevendo, só escrevendo eternamente. Foi uma experiência transpíquica, eu me sentia um espírito sem corpo, desencarnado -

só lucidez e angústia". Não se pode afirmar quando a obra começou a ser gerada, mas, há meio século, findava seu doloroso processo de criação. Rosa apresentava seu sertão ao mundo.

### **Como ler Guimarães Rosa?**

Muitos brasileiros já ouviram falar de Guimarães Rosa, que apesar de ter falecido em 1967, aos 59 anos, nos deixou uma rica produção literária. Entretanto, não são tantos os que já leram algum exemplar da obra rosiana. Uma das principais alegações é de que o texto de Rosa é "difícil". Assim, a linguagem, um dos pontos mais ricos da obra deste autor, acaba sendo vista como uma barreira pelo público. "Guimarães Rosa não é para o leitor apressado, mas para aquele que está disposto a refletir", afirma o professor da Faculdade de Medicina da UFMG e estudioso da obra de Rosa, Luiz Otávio Savassi. O médico concorda com a comparação que Afonso Arinos faz entre Grande Sertão: Veredas e os casarões antigos. No primeiro momento, as pessoas entram e não vêem nada, é tudo escuro, mas, com o tempo, não é a luz que aumenta, são os olhos que se acostumam e passam a enxergar as belezas que estão ali.

### **João Rosa e Manuelzão**

"O João Rosa era muito enjoado". Marli Fantini conta que essa foi uma das formas como Manuel Nardi, falecido em 1998, se referiu ao escritor, que de tanto perguntar deixava o vaqueiro irritado. A professora acrescenta que características como a criatividade e as "tiradas" inteligentes de Manuelzão aparecem em vários personagens rosianos, mas a grande homenagem está em Uma história de amor, onde o já idoso e errante vaqueiro reflete sobre sua vida: "... é custoso saber se a gente deve se aprovar ou confessar um arrependimento: nos caroços daquele angu, tudo tão misturado. O ruim e o bom".

## **FICHA TÉCNICA**

### **PUBLICADO PELA FUNDAÇÃO GUIMARÃES ROSA**

**Superintendente-Geral:** Cel. Álvaro Antônio Nicolau.

**Superintendente Operacional:** Cel. Pedro Seixas da Silva.

**Superintendente de Adm. e Finanças:** Cel. José Antônio Gonçalves.

**Responsável pela pesquisa:** Relações Públicas Fabiana Magalhães dos Santos.

**Apoio:** Funcionária Jordana Metzker de Aguiar, estudante de Administração.

**Revisão:** Jornalista Juliana Leonel Peixoto.

**REFERÊNCIAS:**

ROCHA, Luiz Otávio Savassi. **João Guimarães Rosa: Sua HORA e sua VEZ** (Atualizado em fevereiro de 1998). Cadernos da Pró-Reitoria de Extensão da PUC-MG; v. 3, n. Especial; p. 45-68, set. 1993.

LARA, Eliziane. **O mundo do sertão para o mundo**  
Disponível em: [http://www.manuelzao.ufmg.br/folder\\_projeto/folder\\_guimaraes/o-mundo-do-sertao-para-o-mundo](http://www.manuelzao.ufmg.br/folder_projeto/folder_guimaraes/o-mundo-do-sertao-para-o-mundo)

NOGUEIRA JR, Arnaldo **Projeto Releituras**  
Disponível em: [http://www.releituras.com/guimarosa\\_bio.asp](http://www.releituras.com/guimarosa_bio.asp)

ROCHA, Luiz Otávio Savassi. **João Guimarães Rosa: Sua HORA e sua VEZ** (Atualizado em fevereiro de 1998). Cadernos da Pró-Reitoria de Extensão da PUC-MG; v. 3, n. Especial; p. 45-68, set. 1993.

**Site da Faculdade de Medicina da UFMG**

Disponível em: <http://www.medicina.ufmg.br/cememor/grosa.htm>